

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL AFRO-BRASILEIRA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

CHILDREN'S LITERATURE AND AFRO-BRAZILIAN IDENTITY FORMATION

Anderson Pires da Silva*

Catarina Xavier Gonçalves Martins**

RESUMO: O presente artigo apresenta reflexões sobre identidade nacional e cultural, em uma perspectiva de reconhecimento dos grupos minoritários, voltado ao multiculturalismo na literatura infanto-juvenil. Analisamos e realizamos o trabalho apoiados na obra *Menina bonita do laço de fita*, da autora Ana Maria Machado, com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública. Consideramos a importância da temática da Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira. Consideramos a importância do tema abordado em consonância com a literatura desde a infância, de forma prazerosa e crítica, o que poderá permitir a diminuição de preconceitos, além de possibilitar a formação identitária dos sujeitos envolvidos no processo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-juvenil. Cultura Afro-brasileira. Escola. Identidade.

ABSTRACT: This article presents reflections on national and cultural identity from the perspective of recognition of minority groups, focusing on multiculturalism in children's literature. Analyze and perform work with the book *Girl beautiful ribbon bow*, the author Ana Maria Machado, with children from early years of primary education in public schools. We consider the importance of the theme of Law 10.639/03, establishing the mandatory teaching of History and Afro-Brazilian Culture. We believe that through literary attitudes since childhood, when it is present in daily school life so enjoyable and critically, can reduce

* Professor do mestrado (CES. JF). Pós-Doutor em Literatura Brasileira (UFRJ). Doutor em Estudos da Literatura (PUC R.J). Mestre em Literatura Brasileira (UERJ). Graduado em Letras (UFJF).

** Mestranda em Literatura Infanto-juvenil Brasileira pelo CES (Juiz de Fora-MG), graduada em Pedagogia pelo CES, coordenadora pedagógica e professora da Rede Municipal de Juiz de Fora.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

prejudice, and allow the formation of identity of the subjects involved.
KEYWORDS: Children's literature. Afro-Brazilian school identity.

Introdução

O interesse pelo tema deste artigo é reflexo de anos de trabalho com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo dessa trajetória, através de observações e experiências práticas com essas crianças e, também, com projetos literários, despertou-nos o interesse em pesquisar a literatura infanto-juvenil afro-brasileira.

Muitos conceitos oriundos da Modernidade vêm sendo reconstruídos na atualidade. A identidade¹ tem se destacado como tema central nas discussões contemporâneas quando são analisadas as relações sociais na escola e, conseqüentemente, na literatura infanto-juvenil, sob a perspectiva crítica do Multiculturalismo², focalizando as identidades pessoais e culturais dos indivíduos.

Com os movimentos literários surgidos a partir do século XX, quando a literatura infanto-juvenil começou a destacar a identidade nacional, voltada para a ideia de nacionalidade. Podemos exemplificar através das personagens do escritor Monteiro Lobato, pois são figuras inseridas na história brasileira, associadas aos problemas do país, que reagem às dificuldades do seu e do nosso tempo, o que lhes confere autenticidade e nacionalidade.

Hoje, a preocupação com o reconhecimento de grupos minoritários, como sinônimo de democracia, de acordo com Vera Maria Tietzmann Silva, provocou uma revisão na obra lobatiana, procurando enfatizar nela alguns aspectos racistas como na obra *Histórias da Tia Anastácia*. A personagem “negra de estimação”, “da família branca para a

¹ A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (HALL,2003,p.9)

² Refere-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiculturalidade gerados pelas sociedades multiculturais.É normalmente utilizado no singular significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta estratégias multiculturais.(HALL,2003,p.52)

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

qual trabalha, aparece no espaço da cozinha, o emblema de sua desqualificação social. Os autores de hoje e Ana Maria Machado andam à frente de Lobato.” (SILVA, 2010, p. 114).

Com base nos pressupostos das pesquisadoras Eurídice Figueiredo e Jovita Noronha, com o texto “Identidade Nacional e Identidade Cultural”, afirmam que, no Brasil, a tradição da nacionalidade revelada, sobretudo, pela expressão “caráter nacional”, era muito forte, tendo sido reforçada com a literatura de Lobato, inclusive, no grande movimento de vanguarda que foi o Modernismo. É desse modo, que começou a se falar e a se construir uma identidade nacional. (FIGUEIREDO e NORONHA, 2007, p. 195).

Ainda de acordo com as autoras, na pós-modernidade, fala-se em “Identidade Cultural”, desvinculada da existência do estado nação, referindo-se aos grupos minoritários, que reivindicam pertencer a uma cultura comum. Entretanto, esse conceito vem incluir satisfatoriamente esses grupos como categoria social e cultural. Nesse caso, os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento como raça, etnia, religião. Tratando-se de grupos minoritários, ser reconhecido não é uma “necessidade”, mas sim uma “exigência” junto aos grupos, cada vez mais específicos e numerosos nas sociedades democráticas. O termo exigência de reconhecimento esclarece a natureza desse anseio: ele indica que essas reivindicações dizem respeito à mudança na legislação desses países em função dos interesses de cada grupo. (FIGUEIREDO, 2007, p. 200).

As possibilidades de identificação são muitas, podendo o indivíduo ter identidade nacional, cultural, pessoal, coletiva, profissional, de classe, de gênero, de etnia, entre outras. Nesse processo de identificação, os sujeitos dividem sua cultura e princípios de visão comum, juntam-se em comunidades, enfim, identificam-se. Nós, brasileiros, nos identificamos pelos traços que nos aproximam. E há diferenças individuais, grupais, sociais, regionais; mas há também algo que nos aproxima em nossa experiência histórica, em nossa formação cultural e que se mantém como elementos de nossas identificações.

Somos desafiados a conviver com as diferenças identitárias na escola. Entretanto, o homem é complexo: somos ao mesmo tempo semelhantes (enquanto gênero humano) e

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

muito diferentes (enquanto forma de realização do humano ao longo da história e da cultura). Podemos dizer que o que nos torna mais parecido é o fato de sermos diferentes enquanto raça, isto é, cor da pele, características físicas e biológicas.

Ao pesquisarmos o tema identidade, no livro *Menina bonita do laço de fita*, da autora Ana Maria Machado - sendo que essa obra foi escrita em um contexto cultural, social e político da época -, não podemos nos esquecer de pontuar que a diferença, a identidade, enquanto processo, não são inatas, se constroem no contexto histórico, social, político e cultural, através das relações sociais. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 101), “diferença e identidade só existem numa relação de mútua dependência”, a diferença pode ser considerada como um produto derivado da identidade.

Para articular literatura infanto-juvenil e identidade cultural na pós- modernidade, recorremos a Stuart Hall (2003), uma das figuras mais importantes da área de estudos sociais. De acordo com os estudos do autor, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em crise, novas identidades estão surgindo deixando o sujeito pós-moderno fragmentado. Segundo o autor,

a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada e perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2003, p. 21).

Essa crise de identidade, pela qual passam os seres humanos, também aconteceu na ficção, com as personagens da narrativa analisada neste artigo, e representa, metaforicamente, a crise de identidade dos indivíduos da atualidade. A discussão abordada na narrativa, em torno da identidade e, conseqüentemente, o que é ser diferente, parte de uma nova abordagem de sociedade.

Com os processos de mudanças de paradigmas sociais, as identidades estão abaladas e fragmentadas, trazendo uma série de mudanças sociais no mundo contemporâneo. Hall (2003) define as identidades culturais como “aqueles aspectos de

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e acima de tudo nacionais”. De acordo com o autor,

essa mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, raça, gênero, etnia e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2003, p. 9).

Ainda em conformidade com as ideias do autor, a representação cultural se multiplica quando somos confrontados por várias identidades, com que poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. É considerada identidade cultural, quando se refere aos grupos, os quais reivindicam pertencer a uma determinada cultura. (HALL, 2003, p. 130).

Esses grupos culturais, cada vez mais numerosos, dialogam e reivindicam sua cultura e seus direitos. O indivíduo que se forma nesse processo identitário expressa sua subjetividade com os outros, consolidado em maneiras diferenciadas de notar, perceber. Tais maneiras se apresentam aos grupos minoritários com as suas diferenças físicas, raciais, culturais, proporcionando aos sujeitos a possibilidade de fazer suas opções a respeito de sua inclusão ou não em determinados grupos sociais.

Como vemos, se vêm desenvolvendo e afirmando movimentos sociais, cujos participantes reivindicam seus direitos e querem que suas diferenças e identidades sejam reconhecidas na sociedade, como a personagem do livro *Menina bonita do laço de fita*, usado nesta pesquisa. De acordo com o sociólogo e antropólogo francês, Pierre Bourdieu, na lógica propriamente simbólica da distinção,

em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença - qualquer unificação, que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 2007, p. 129)

A essa construção identitária, quando se refere ao ser humano, corresponderia simbolicamente à apreensão do grupo, levando em consideração reconhecer a diferença do

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

outro, concordando, ao mesmo tempo, que cada indivíduo divide com o grupo, inteiramente, essa identidade específica, a qual faz de cada ser humano um ser único. Identificamo-nos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades.

Essas identidades ganham sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Pierre Bourdieu, por sua vez, considera os preceitos simbólicos, a construção de sentidos, os sistemas de representação, inclusive no tocante à identidade, quando afirma:

[...] Sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como nós por oposição a “eles” aos outros a qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade. (BOURDIEU, 2007, p. 124).

Com base nas ideias de Bourdieu, vale lembrar que as pesquisas atuais apresentam a identidade como relacional, pois depende, para existir, de outra identidade que fornece condições para que ela exista. Dessa maneira, a construção identitária é assinalada pela diferença e pelas semelhanças nas relações sociais. Como por exemplo, a narrativa analisada neste artigo. Por isso, a formação das identidades ocorre por meio da convivência com o grupo; ao realizá-las as crianças podem estar construindo e se identificando com novas identidades. Assim, a construção da identidade é, além de simbólica, social e histórica.

Ao refletirmos sobre identidade na literatura infanto-juvenil, não podemos esquecer que nada escapa do seu passado, e as marcas da exclusão ainda permanecem. Tomaremos como enfoque alguns conceitos a partir de uma abordagem multicultural, pois reúnem uma pluralidade de sentidos. Entretanto, nem todas as abordagens multiculturais atingem a todos. É uma proposta bastante heterogênea e, no momento atual, fica difícil fazer generalizações sobre essa maneira de estudar determinada cultura. Assim, as discussões acerca do multiculturalismo trazem importantes reflexões contra práticas excludentes, uma vez que nos apontam o conjunto das diferenças culturais nas sociedades contemporâneas.

Tomaz Tadeu da Silva corrobora essas ideias quando define “o multiculturalismo como um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional” (SILVA, 2007, p. 85). O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas”.

Atualmente, o multiculturalismo é discutido em diversas áreas do conhecimento. Sobretudo é uma maneira de diminuir o preconceito construído pela sociedade. Uma iniciativa é a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino e obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-brasileira*, no artigo 96 (BRASIL, 2008).

Em 2005, surge o projeto "A Cor da Cultura" - conduzido pela TV Futura, em parceria com o governo federal - cujo objetivo é, através de programas educativos, colaborar na divulgação de trabalhos de escolas e ONGs no campo das relações raciais e da educação.

Sabemos que no início do século XX, os sistemas educacionais eram, em sua maioria, segregados por raça e classe social, pelas marcas da exclusão, da segregação e da marginalização, o que, no entanto, ainda permeia a vida escolar contemporânea de muitos alunos(as), principalmente daqueles(as) oriundos(as) das camadas populares. Por isso, realizamos o trabalho literário com o livro *Menina bonita do laço de fita*, em uma perspectiva multicultural.

Análise da obra Menina bonita do laço de fita

Ana Maria Machado, além de escritora, é jornalista, pintora e professora universitária; é reconhecida internacionalmente. Recebeu inúmeros prêmios pela vasta produção literária, entre eles o *Hans Christian Andersen*, o mais importante da literatura infantil mundial, em 2000. Foi nomeada, no ano 2003, membro da Academia Brasileira de Letras.

O livro *Menina bonita do laço de fita*, publicado no ano de 1986, é um dos mais premiados e traduzidos livros da escritora. O assunto abordado na narrativa em análise é a valorização da identidade negra, comparando a menina com uma princesa africana. A outra

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

personagem, escolhida pela autora, foi um “coelho branco” para atuar com a “menina negra”, enfatizando, na obra, o paradoxo entre branco e o negro. Ao optar por um personagem animal em seu enredo, a autora nos traz a simbologia do coelho associado à Páscoa, além de estabelecer uma correspondência com o conto “Alice no país das maravilhas³”. Podemos inferir também na questão de o coelho ter ciclo de vida curto. Se a autora utilizasse outra criança, não poderia mostrar com rapidez a questão racial no texto. A obra refere-se à raça, abordando significados referentes à beleza e à diferença, de uma maneira natural, sugerindo a diferença de seus “pelos e peles”. O paradigma de beleza, então, é invertido, e em lugar de cabelos loiros, peles claras e olhos azuis, o ideal estético proposto é o contrário, os olhos negros, a pele escura e cabelos encaracolados. Com isso, a autora sugere que a beleza pode ser vista de muitas maneiras. Fica claramente declarada a intenção da autora de fugir da estrutura canônica do conto “Branca de Neve⁴”.

A protagonista da narrativa é negra, fato pouco comum em literatura infanto-juvenil. Na obra, podemos encontrar reflexões contemporâneas concernentes à raça, gênero, infância. Temos, então, uma literatura emancipadora, que estabelece rupturas, enfatizando o tema racial. Outro fato na narrativa é a “menina bonita” não ter nome próprio, e nem uma identidade individual, representando suas origens, sua cultura e seu povo. Partindo desse princípio, sabemos que essas identidades, no passado, não tinham nem voz e nem vez. A identidade é a fonte de sentido e de experiência do ser humano, como comenta Kabengele Muranga, em seu texto *Construção da identidade negra no contexto da globalização*.

Não conhecemos nenhum povo sem nome, nenhuma língua, nenhuma cultura que não faça, de uma maneira ou de outra, a distinção entre ela e a outra, entre “nós” e “eles” [...] O conhecimento de si - sempre uma construção e uma descoberta - nunca é totalmente separável da pretensão de ser percebido pelos outros. (MURANGA, 2006, p. 19).

³ Conto de fadas da tradição inglesa, compilado por Lewis Carroll, publicado em 1865.

⁴ Conto de fadas da tradição alemã, compilado pelos irmãos Grimm, publicado em 1812-1822.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Analisando a narrativa, percebemos a ausência de uma identidade individual da protagonista, o que demonstra o caráter de universalização da personagem que representa todas as meninas negras da sociedade.

De acordo com Regina Zilberman, Ana Maria Machado sinalizava que era hora de se fazer uma nova história, “meio ao contrário” dos padrões da beleza ocidental, contrariando o sistema vigente, fosse ele literário, político ou econômico. Ainda de acordo com a autora, Ana Maria Machado confere importante lugar para a personagem feminina. Essa opção indica que o texto é inovador. As mudanças são lideradas por mulheres que, de um jeito ou de outro, se rebelam contra papéis previamente fixados, como da personagem Tia Anastácia, de Lobato; são situações consolidadas pelo tempo (ZILBERMAN, 2005, p. 59). Além disso, a autora enfatiza a beleza negra da protagonista; ela andava sempre enfeitada com laços de fitas amarrados nas pontas de suas trancinhas de estilo afro, ganhando ênfase enquanto enfeite da beleza feminina negra.

Em conformidade com Ana Maria Machado, a questão dos cabelos é uma preocupação constante nas mulheres. Muitas vezes, elas querem modificar o visual, a fim de pertencerem ao modelo de beleza: cabelos lisos. Para isso, muitas se submetem a verdadeiras experiências químicas e desprezam suas características naturais (MACHADO, 2006, p. 3).

De acordo com os pressupostos de Nilma Gomes

assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e os sentidos a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico-racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES, 2003, p. 138).

Tal perspectiva de Gomes traz uma reflexão acerca da diversidade racial: as mulheres de pertencimento étnico escondem suas origens, mudando seus cabelos.

A narradora começa a obra como nos contos de fadas, relacionando a protagonista a uma princesa, utilizando comparações com os olhos da menina a duas azeitonas pretas,

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

daquelas bem brilhantes; a pele, com os pelos de uma pantera negra; os cabelos enroladinhos, com os fiapos da noite. (MACHADO, 2010, p. 3). Dessa maneira, é possível perceber como a menina da narrativa está feliz consigo mesma, não evidenciando desconforto com sua identidade. Pelo contrário, deixa transparecer ares de felicidade através das imagens e por ser “admirada” pelo “coelho branco”, que mesmo sendo animal, era encantado com a beleza da menina. Por isso, queria ser negra como ela, fazendo diversos questionamentos e querendo descobrir o seu segredo. Ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?
 A menina não sabia, mas inventou:
 - Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...
 O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela.
 Ele ficou negro, todo contente.
 Mas veio a chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez. (MACHADO, 2010, p. 8-9)

A menina, com sua imaginação, apresentava-lhe as mais variadas respostas. O coelho, insistente, volta à casa dela e pergunta novamente. A menina interessada pela situação; os dois agem como duas crianças curiosas descobrindo o mundo. Ele prova todas as respostas dadas pela menina: “enche-se de café, mas só consegue passar a noite fazendo xixi”; “empanturra-se de jabuticabas e apenas consegue fazer cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.” (MACHADO, 2010, p. 13)

Pela quarta vez, o coelhinho vai à casa da menina e volta a perguntar. A menina, sem saber o que responder, vai inventando histórias. A mãe da menina, uma linda parda, resolve ajudá-lo, respondendo à filha e ao coelho, contando-lhes a história de seus antepassados, trazendo à tona a explicação sobre herança genética e as características étnico-raciais da família.

Baseando-nos no princípio dos parâmetros curriculares, podemos inferir que a mãe refere-se:

ao conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, o formato do rosto, tipo de cabelo etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade. O conceito de raça, portanto, assenta-se

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

em um conteúdo biológico, e foi utilizado na tentativa de demonstrar uma pretensa relação de superioridade/inferioridade entre grupos humanos. A diversidade das sociedades humanas não se explica pela diferença genética - mas sim pela cultura. (PCNs, 1997, Vol. 10, p. 44-45).

Sabemos que, no passado, a diferença era utilizada com o propósito de inferiorizar os negros, estabelecendo, assim, relações hierárquicas a partir das diferenças étnico-raciais. Conhecemos como discriminação racial toda forma de tratamento desfavorável dedicada a uma pessoa ou a um grupo étnico. Trata-se de uma formulação ideológica, no conceito em que traduz determinados juízos intencionais estabelecidos pelos grupos para especificar uma etnia. Portanto, significa todo ato destinado a inferiorizar um indivíduo ou um grupo, por terem uma determinada origem étnica.

Ao narrar a história, a frase “Artes de uma avó preta que ela tinha,” sugere o hibridismo⁵ naquela família, já que a menina era negra. A palavra “artes” refere-se ao encontro amoroso dos avós, cujo avô deveria ser mais claro que a avó, para poder ter uma filha parda. Entretanto, a neta nasceu negra como a avó. Foi a metáfora selecionada pelo narrador para falar da diversidade racial. O importante não é só tratar do negro ou das questões da etnia, mas é saber construir narrativas que não alimentem ou reforcem a negação do outro, através do preconceito racial.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva:

a identidade étnica e racial é, desde o começo, uma questão de poder. A própria história do termo polêmico, o de “raça”, está estreitamente ligada às relações de poder que opõem o homem branco europeu às populações dos países por ele colonizados. Consolidados no século XIX, como uma forma de classificação supostamente científica da variedade dos grupos humanos, com base em características físicas e biológicas, o termo raça tornou-se, nesse sentido, crescentemente desacreditado... O termo “raça” para identificações baseadas em caracteres físicos como cor da pele, por exemplo, o termo “etnia” para identificações baseadas em características supostamente mais culturais, tais como religião, modos de vida, língua etc. (SILVA, 2007, p. 100)

Partindo do pressuposto do autor, ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças, a qual está ligada às relações de poder,

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

aos processos de dominação e dominados. Entretanto, ao nos referirmos à etnia, não podemos esquecer a construção das identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais. Ainda para Homi K. Bhabha, trata-se de “um processo de significação através do qual afirmações da cultura e sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos e de força, referência, aplicabilidade e capacidade”. (BHABHA, 1998, p. 63)

Assim, no desfecho da narrativa, o “coelho branco” que era inocente, mas nem tanto, percebeu a diversidade étnico-racial da menina. Ele vai até a sua casa e se percebe nas fotos da sua família, compreendendo rapidamente por que era branco: sua família era assim. Para poder ter uma filha negra, deveria casar-se com uma coelha negra.

No final da narrativa, acontece a realização do casamento do “coelho branco” com a “coelha negra”. Nessa relação, mostra-se o resultado dessa diferença, através do nascimento de filhotes das mais diversas cores, porém, apenas uma coelha nasce negra e linda como a menina. A história revela-se simbolicamente uma mistura de etnias do povo brasileiro.

Ainda Kabengele Muranga afirma que:

no Brasil contemporâneo existe um processo de transculturação inegável. Visto deste ângulo, aqui as cercas das identidades vacilam, os deuses se tocam, os sangues se misturam. Mas, nem por isto devemos sustentar a idéia de uma identidade mestiça que seria uma espécie de identidade legitimadora, ideologicamente projetada para recuperar o mito de democracia racial. (MURANGA, 2006, p. 38-39).

Entendemos que as questões raciais permeiam toda a história social, cultural e política brasileira e afetam a todos nós, independente do nosso pertencimento étnico-racial. O movimento negro brasileiro tem feito exigências e construído práticas com a finalidade de viver harmoniosamente de forma democrática, valorizando, respeitando a diversidade racial existente nas sociedades. Assim, a narrativa em análise revela que as personagens da ficção encontram-se em fases de construção de suas identidades, estabelecendo novas identidades, novas paisagens culturais de gênero, de classe, etnia. A autora da obra utiliza

⁵ Ciências naturais Originário do cruzamento de espécies diferentes. (Aurélio,2005,471)

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

mecanismos e estratégias para explicar o tema racial, em uma perspectiva de valorização e inclusão do negro.

A mensagem transmitida pela obra *Menina Bonita do Laço de Fita* satisfaz o universo infantil de forma fantasiosa, pois a menina responde ao coelho com toda imaginação infantil e ele age e pensa como criança. A narrativa faz com que os leitores compartilhem ativamente do enredo, contribuindo em sua formação da identidade. As crianças sentem-se capazes de se autovalorizarem e valorizarem os outros, em busca de uma identidade coletiva. Podemos perceber dois processos simultâneos de quebra de paradigmas e manutenção de paradigmas. O primeiro relacionado à menina negra como protagonista da própria história; e o segundo, à valorização da beleza da identidade negra.

É válido lembrarmos que a obra em análise é um símbolo da contemporaneidade, é renovadora. Sabemos que a literatura passou a tratar de temas raciais recentemente. As crianças passaram a ser destaque nas narrativas e a ser enxergadas como crianças, uma vez que eram vistas como adultos em miniatura. Os negros dificilmente protagonizavam narrativas e novelas. Atualmente, isso vem mudando, é um fator positivo, pois o paradigma atual é a inclusão de todos os cidadãos na sociedade, livres de práticas discriminatórias.

Conclusão

Partimos da concepção de que a formação leitora nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode ampliar conhecimentos culturais com objetivo de diminuir preconceitos. A escola é uma das instituições responsáveis por essa função e, por isso, não podemos omitir as questões sociais que envolvem o dia a dia dos alunos, dentre elas, o preconceito racial. Consideramos que literatura infantil contribuirá para a formação identitária e superação de estereótipos presentes, não apenas no meio escolar, mas em toda a sociedade.

Acreditamos também que a formação leitora adequada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental ajudará a formar cidadãos conscientes, levando-os a adquirir conhecimentos, e a refletir sobre a importância da Cultura afro-brasileira.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

Concluimos que o tema deste artigo é de extrema importância na atualidade e cabe ressaltar que a questão da representação do negro na literatura infantil tem ganhado espaço, nos últimos anos. Acreditamos que as práticas literárias que levam a sério o conteúdo da Lei 10.639/03 têm como compromisso ético o fortalecimento e a construção de identidades.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Gláucia Renate. 4 ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 13. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

FIGUEIREDO, Eurídice (org). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007.

_____ e NORONHA, Jovita Maria Gerheim. *Identidade nacional e identidade cultural*. Revista Eletrônica Psicanálise & Barroco, Ano 5, n. 9. Disponível em <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/portugues/revista/leitura.asp?CodObra=102&CodRev=9>

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: Cabelo e cor. In: *De preto a afro-descendente: Trajetos de pesquisa sobre negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. Org. Lúcia Maria de Assunção Barbosa e outros all. São Carlos UFSC, 2003, p.50 -137.

HALL, Stuart. *A identidade e a cultura na pós-modernidade*. Trad. de SILVA, Tomas Tadeu. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

_____. Traços Pós-Modernos: uma vertente do questionamento do poder. *Revista eletrônica*, v. IV, nº XVI, março, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Construção da identidade negra no contexto da globalização*. Cadernos PNESB, nº4, Niterói: EdUFF, 2006.

PCNs. *Pluralidade cultural e orientação sexual*, Volume 10, Brasília: MEC/SEF, 1997.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

SILVA, Tiefertmann Vera Maria. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2. ed. revista, PNBE, 2010.

TOMAZ, Tadeu da Silva. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Como e porque ler literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.